

A POLÍTICA CULTURAL DA FRANÇA NO BRASIL ENTRE 1920 E 1940: O DIREITO E O AVESSO DAS MISSÕES UNIVERSITÁRIAS

Hugo Suppo

Depto. de História Moderna e Contemporânea - UERJ

Resumo

Análise da ação do professor Georges Dumas, verdadeiro mentor da política cultural francesa no Brasil. Os professores franceses enviados ao Brasil constituem o pivô de uma estratégia baseada na utilização da influência cultural francesa sobre as elites brasileiras, como instrumento de propaganda política, gerador de dependência cultural, com repercussões no plano econômico.

Abstract

This is a study of the actions undertaken by professor Georges Dumas, a true mentor of the French cultural policy in Brazil. French university lecturers sent to Brazil were the pivot of a strategy based on the use of the French cultural influence over Brazilian elites, as an instrument of political propaganda generating cultural dependence and repercussions at the economic level.

Palavras-Chave

Política Cultural – Propaganda cultural – Presença francesa no Brasil.

Keywords

Cultural Policy – Cultural Propagande – French Presence in Brazil.

Introdução*

A partir dos anos oitenta, toda uma série de trabalhos adiciona um novo dado ao estudo das relações internacionais franco-brasileiras: a política cultural, considerada como um fator determinante e como problemática provida de dinâmica própria. Nos trabalhos pioneiros de Guy Martinière (1982), assim como mais tarde, nos de Patrick Petitjean (1985, 1989, 1990, 1991 e 1996), Gilles Matthieu (1990 e 1991), Mônica Leite Lessa (1997) e Hugo Rogélio Suppo (1995 e 2000), fica claro o papel central do Ministério das Relações Exteriores francês na montagem da política cultural da França para o Brasil, onde mesmo os organismos ditos “privados” eram subvencionados e controlados pelo Estado, como, por exemplo, a Aliança Francesa e o *Comité France-Amérique*.

O psicólogo Georges Dumas torna-se o executor da política cultural francesa que, por um lado, estabelece a ligação entre o mundo diplomático e o mundo das universidades – através do *Groupement des Universités et Grandes Écoles de France pour les Relations avec l'Amérique latine (Groupement)* – e, por outro, cria no Brasil as condições de implementação da política cultural francesa. Georges Dumas passa assim de um papel de universitário, no interior do *Groupement*, do qual é um dos elementos fundadores, ao papel de representante intelectual do Ministério das Relações Exteriores francês.

O caso de Georges Dumas não é um fato isolado; a política cultural francesa repousa fundamentalmente sobre a ação dos professores enviados em missão que

* Para este trabalho, as principais fontes consultadas são os *Archives do Ministère des Affaires Étrangères (AMAE)*, em Paris, e seu anexo em Nantes (*CADN*), e os *Archives Nationales (AN)*. As séries e sub-séries consultadas serão apresentadas com a abreviação que aparece entre parênteses, seguidas do número do volume de cada caixa e das informações próprias de cada documento.

AMAE: - Série Y Internationale 1918-1940 (YI 18-40); - Série Amérique 1918-1940 (AM 18-40) Sub-séries: Dossiers Généraux (DG), Brasil (Br); - Série Relations culturelles 1945-1959 (RC 45-59) Sub-série Années 1945-1947-Enseignement (Enseig. 45-47).

CADN: - Série Service des Oeuvres 1932-1940 (SO) Sub-séries: Dossiers Généraux (DG), Brésil (Br), Amérique du Sud (AMS); Série B (B) Sub-séries: Rio de Janeiro (RJ).

AN: - Série AJ16 Académie de Paris (AJ16).

implementam localmente esta política, de uma forma consciente na maioria das vezes. A análise do papel destes intelectuais, à exceção de Georges Dumas, é praticamente inexistente na bibliografia disponível. As poucas referências são implícitas ou, então, incompletas, como no caso de Patrick Petitjean. Este autor descreve como o *Groupement*, criado originalmente pelos universitários, passa a ser controlado pelo Ministério das Relações Exteriores francês. Porém, ele considera que as missões de professores que participaram da criação da USP provocam “uma mudança de perspectiva”, porque estas trabalharão para a USP e não mais para o prestígio cultural da França. Segundo Petitjean, esses professores não representam mais a cultura francesa, eles não são mais “embaixadores intelectuais”; ao contrário, estão no Brasil para “ajudar os estudantes a conhecerem seu país, a reduzir sua dependência intelectual” (Petitjean 1990: 355). Em suma, “essas missões estão longe de ser uma consequência da política de *rayonnement* cultural, que foi a doutrina oficial desses anos” (Petitjean 1990: 357). Nossas conclusões, como veremos, contrariam às de Petitjean, pois estabelecem uma continuidade, que se estende de 1908 até o final dos anos quarenta.

Nossa contribuição será estudar a estreita relação entre o *champ universitaire* e o *champ du pouvoir*, um dos elementos fundamentais da política cultural francesa. Como constata Christophe Charle: “o estudo da mobilidade dos professores e de suas relações no estrangeiro não foi ainda empreendido sistematicamente” (Charle 1986: 344). Nosso objetivo é dar novas indicações por meio do estudo de um caso concreto, mostrando as “permanências” na ação das missões francesas no Brasil assim como seus objetivos reais.

Uma primeira parte será dedicada ao estudo da montagem da política cultural francesa no estrangeiro. Uma segunda será consagrada à análise da ação de Georges Dumas e das alianças por ele estabelecidas enquanto verdadeiro organizador dessa política no Brasil.

1) A propaganda francesa e os intelectuais

A Terceira República (1870-1940) coloca-se, por princípio, contra toda propaganda, exceto nos períodos de guerra. O liberalismo político e o poder do Parlamento limitam

qualquer tentativa de intervenção do Estado nesse domínio: “O único setor que escapou a essa desconfiança foi o da propaganda ao estrangeiro, de caráter cultural, eufemisticamente denominada ‘expansão francesa’ ou ‘obras francesas’, no estrangeiro” (Marès 1983: 5). Dada sua natureza particular, seus fins são mais restritos, sendo considerada “em princípio muito menos ideológica” e um fator de paz.

Nesse sentido, a França será o primeiro país a propor como estratégia de dominação colonialista o ensino do francês a partir da criação, em 1883, da Aliança Francesa. “Todo cliente da língua francesa é um cliente natural dos produtos franceses”¹, era o lema que orientava suas ações. No final do século XIX, os elementos de uma verdadeira política cultural – que se materializa na criação, em 1910, do *Bureau des écoles et des oeuvres françaises à l'étranger* – põe fim à fase onde as iniciativas privadas ou semi-privadas predominam (congregações religiosas, Aliança Francesa etc.). Já durante a I^a Guerra, passa-se da fase das ações extraordinárias para uma verdadeira política cultural (Milza 1980: 362-365). O *Ministère Des Affaires Étrangères* será o órgão que dirigirá as operações, o que explica, pelo menos em parte, que seu orçamento tenha aumentado proporcionalmente muito mais que o dos demais ministérios. Entre 1913 e 1938 o seu orçamento foi multiplicado por 26, enquanto que o da Justiça cresceu 7 vezes; o da agricultura, 19 vezes; o da Educação, 16 vezes; e o das Colônias, 11 vezes (Allain 1982: 410).

Em 1920, Philippe Berthelot transforma o serviço de “informação e de propaganda” – existente no interior do Ministério das Relações Exteriores francês – em “Comissariado Geral da Informação”, o qual passa a ser dirigido por Antony Klobukowski. O Comissariado instala-se num prédio fora do Ministério das Relações Exteriores francês, com o nome de *Maison de la Presse*. Os colaboradores são a intelectualidade parisiense (*le tout Paris intellectuel*) - jornalistas, escritores, artistas, cientistas etc.

¹ Conferência de P. Foncin, secretário geral da AF, publicado no *Bulletin de l'Alliance Française*, n^os 21 e 22, de janeiro a fevereiro de 1885, citado por (Lessa 1994: 91)

Os objetivos da *Maison de la Presse* eram, por um lado, centralizar, analisar e classificar as informações recolhidas pelos serviços diplomáticos e militares, a fim de fornecer elementos de propaganda aos meios de comunicação, e, por outro, exercer uma ação de coordenação e apoio na imprensa às iniciativas privadas e oficiais no plano da propaganda cultural no estrangeiro².

Uma vez acabada a guerra uma reorganização destes serviços faz-se necessária; coloca-se a questão da definição de um estatuto. O Presidente Millerand encarrega Albert Milhaud de proceder à mesma, dela resultando a criação, em 1920, do *Service des Oeuvres Françaises à l'Étranger* (SOFE), sobre as bases do antigo *Bureau des écoles*. O novo serviço conserva, como a *Maison de la Presse*, o circuito de intelectuais externos ao corpo diplomático e, portanto, livres dos entraves burocráticos (Dariac 1933: 42-43), os quais serão dirigidos por intelectuais-diplomatas como Jean Giraudoux e Jean Marx.

A simbiose entre a propaganda e a política cultural é perfeita. A palavra “propaganda” aparece frequentemente nos documentos diplomáticos da época analisada. Na realidade, esta palavra possui duas dimensões; uma ligada à propaganda política (basicamente na imprensa) e outra à propaganda cultural, também denominada “propaganda intelectual”. A segunda é de longe a prioritária; ao produzir a francofilia, ela desenvolve e cria o espaço para a primeira, não se alterando seja em função das mudanças periódicas de governo nos países alvos, seja daquelas verificadas na própria França. A primeira só adquire importância crucial em momentos determinados, como por exemplo, depois da assinatura dos acordos de Munique, em 1938, ou durante a guerra. A política cultural é pensada em termos quase exclusivamente de propaganda, em termos de “influência cultural”, a qual deve fomentar a admiração pela cultura francesa e incentivar o consumo dos produtos culturais franceses (livros, teatros, óperas, perfumes, turismo, vinhos, idéias etc.).

² YI 18-40, Vol. 1, “Nota sobre os Serviços de propaganda da rua François 1^o”, sem n.º, Paris, 09/04/18.

Nos anos vinte, a questão da propaganda não é discutida apenas no nível oficial, mas também pelas associações ditas privadas. Gabriel Louis Jaray, diretor do *Comité France-Amérique*, por exemplo, apresenta suas propostas para uma melhor condução do problema da propaganda, que, no seu entender, padece de falta de direção e de um método global. Sete ministérios estão implicados e, nos diferentes países, os adidos militares, comerciais, os correspondentes universitários, etc. encontram-se subordinados a autoridades distintas. Jaray propõe que o Ministério das Relações Exteriores francês atue como ministério coordenador e que as associações privadas sejam melhor integradas e coordenadas³.

Em 1932, a questão da propaganda se transforma numa obsessão, uma nota enviada aos diplomatas franceses lotados no exterior afirma que “todo Francês residente no estrangeiro, deve considerar-se como uma espécie de embaixador de seu país”⁴, destacando em particular os professores, os comerciantes e os industriais. Uma segunda nota estabelece que, em caso de guerra, os professores franceses que trabalhassem em estabelecimentos franceses de ensino em países não inimigos deveriam permanecer nos seus postos, já que “seriam provavelmente utilizados pelo Serviço Geral de Informação, em razão do conhecimento particular que eles têm dos países”⁵. O Ministério da Educação concorda com as diretivas do Ministério das Relações Exteriores francês e as autoriza⁶.

A questão é discutida freqüentemente na Assémbliéa Nacional, acentuando-se depois da ascensão de Hitler ao poder (Amaury 1969: 29-53). Em 14/10/36, é criada uma “Comissão interministerial pela ação e informação francesas no estrangeiro” e, em 29/

³ AM 18-40-DG, Vol. 206, carta manuscrita assinada, G. Jaray, Diretor do *Comité France-Amérique*, New York, 26/08/22.

⁴ YI 18-40, Vol. n° 4, carta circular do Serviço de Informação e de Imprensa - MAE a Agentes diplomaticos e consulares no estrangeiro, Paris, 12/12/932.

⁵ SO-DG, Vol. 242, carta coletiva “secreta”, Direção Política e Comercial, Europa Defesa Nacional. MAE, Paris, 15/12/33.

⁶ AM 18-40-DG, Vol. 38, Defesa Nacional - MAE à Direção de América - MAE, Paris, 15/01/34.

07/39, é estabelecido um Comissariado Geral da Informação, dirigido por Jean Giraudoux. Posteriormente, em 1940, um Ministério da Informação é criado, sendo o mesmo Jean Giraudoux designado para chefiar o “Conselho Superior da Informação”, subordinado a este ministério. Antigo diretor do SOFE, já em 1924 o diplomata-escritor havia assumido a chefia do “Serviço de Informação e de Imprensa”.

No interior do “Comissariado Geral da Informação”, o SOFE terá grande influência, não só por ser chefiado por um ex-funcionário seu, mas também pela colaboração que ele fornece ao nível da documentação, na elaboração de medidas de propaganda no estrangeiro – colaboração entre Georges Dumas e Jean Marx, por exemplo –, nos contatos com a imprensa estrangeira etc. Esta colaboração gerará rivalidades com os outros ministérios, em particular o da Guerra.

O “Comissariado Geral da Informação” ficou conhecido como o “Estado-Maior da inteligência francesa”, tendo entre seus membros – que, em sua maioria, trabalhavam gratuitamente – figuras de destaque como Paul Claudel, Louis Jouvet, Louis Joxe, Emile Coornaert, Alexandre Guinle, René Laporte, André Morize, Paul Hazard, Paul Valéry, Saint-Exupéry, André Chamson, Eve Curie, Raymond Ronze, Jacques Soustelle, Julien Cain, André Maurois, Jean Marx e Georges Dumas. Este último, chefe da Seção da América Latina, no Serviço de Informação ao Estrangeiro⁷, e J. Marx membro dos serviços anexos na condição de chefe do SOFE.

A eficácia do Comissariado é, segundo Philippe Amaury, discutível já que o governo não tem uma verdadeira política de informação e de propaganda; para este autor, o “Sínodo das Artes, das Letras, das Ciências, dos Espetáculos e da alta Administração da III República” não exerce um verdadeiro comando (Amaury 1969: 685). Mas, no caso específico do Brasil, a centralização das atividades nas mãos de Georges Dumas e Jean Marx permitirá uma ação articulada e eficaz.

⁷ Serviço dirigido pelo universitário Paul Hazard, futuro vice-presidente da Aliança Francesa e membro do *Comité France-Amérique*.

“A propaganda não é absolutamente tarefa dos diplomatas” afirma o deputado Adrien Dariac (1933: 47), relator do orçamento do Ministério das Relações Exteriores francês em 1933, pois estes têm três handicaps principais: imobilidade, conhecimento superficial do país e ignorância quase completa do idioma local. Os “propagandistas”, ao contrário, conhecem “a fundo o país onde eles são encarregados de missão e falam a língua”, conhecem as mentalidades e contam com amizades e relações (Dariac 1933: 49-50). A mola mestra desta política cultural eram efetivamente esses “homens conhecedores de todos os problemas universitários, em contato com as grandes personalidades do mundo intelectual, tendo ao mesmo tempo o conhecimento e a experiência do estrangeiro, e dos meios científicos e pedagógicos”.⁸ Tratava-se de verdadeiros especialistas regionais – como Georges Dumas, Ernest Martinenche e Paul Rivet para a América do Sul –, conselheiros permanentes e sem salário do SOFE, oferecendo o suporte de sua autoridade, aconselhando permanentemente e realizando um trabalho que nenhuma comissão oficial poderia levar a cabo.

316

A França conta, então, com uma verdadeira “milícia pronta a servir e totalmente disponível para ser utilizada na ação quotidiana pelos nossos representantes no estrangeiro e por nossos serviços de informação”.⁹ Uma milícia composta basicamente por professores franceses destacados nas universidades estrangeiras; em 1933, por exemplo, eles são mais de 300, lecionando em cerca de 200 universidades e estabelecimentos de ensino superior no exterior.

Todas essas obras universitárias e de ensino aumentam de uma forma considerável, sobretudo os Institutos franceses que, de 4, em 1914, passam a 28, em 1933, sendo considerados “a forma mais flexível e, sem dúvida, mais fecunda de propaganda intelectual”.¹⁰

⁸ SO-DG, Vol. 228, Nota sem n.º, “O SOFE”, Paris, 01/04/33.

⁹ *Ibidem*

¹⁰ AM 18-40-DG, Vol. 218, Cópia documento dactilografado “O SOFE no ano 1930”, F. P., janeiro 1931.

O SOFE centraliza e controla todas essas obras de ensino (institutos franceses, liceus, colégios e escolas francesas, cadeiras ocupadas por professores franceses nas universidades estrangeiras, cursos de francês), que constituem sua atividade principal, e às quais são destinados mais de 33 milhões de francos por ano de um orçamento anual de aproximadamente 36 milhões de francos. O SOFE também apóia e controla associações como a Aliança Francesa e o *Comité France-Amérique* e se ocupa dos serviços de informação destinados à imprensa francesa e estrangeira.

A participação do SOFE se faz freqüentemente de forma oculta e discreta, como lembra uma nota oficial: [...] “uma necessidade essencial de toda a propaganda francesa no estrangeiro reside na possibilidade do segredo. Mesmo na área intelectual, a colaboração oficial com, por exemplo, os professores franceses destacados nas universidades estrangeiras ou com tal coletividade ou agrupamento estrangeiro amigo da França deve se empreender em silêncio”¹¹.

Os intelectuais-embaixadores

Uma das conseqüências da derrota francesa de 1870 é uma crescente valorização da ciência enquanto elemento propulsor do desenvolvimento da sociedade. O modelo alemão de universidade será tomado como o exemplo mais bem sucedido da relação entre ciência e desenvolvimento. A dinâmica criada na França pela SES (*Société de l’Enseignement Supérieur*), fundada em 1878, acabou constituindo um verdadeiro “lobby reformista”, laico e anticlerical na onda das idéias repúblicas triunfantes. A participação política de intelectuais como Pasteur, Taine e Renan (Karady 1986: 323-326) – unidos num mesmo nacionalismo revanchista oriundo da derrota de 1870 e partidários do positivismo que “valoriza o ensino em geral e a ciência em particular na constituição social e moral das elites” – dará origem à chamada “República dos

¹¹ SO-DG, Vol. 228, Nota sem n°, SOFE “Note pour le Ministre”, Paris, 24/02/34.

¹² Expressão tirada do título livro de Albert Thibaudet editado em 1927.

Professores”¹². Contudo, com a guerra de 1914, as referências ao modelo alemão e ao ideal positivista saíram de moda.

O triunfo das novas elites radicais e socialistas representa também uma valorização das carreiras literárias num mundo até então dominado pelas carreiras jurídicas. Esta nova dinâmica política permitirá a esses intelectuais ascenderem aos postos políticos, no serviço público e na diplomacia¹³. Entre 1900 e 1942, cerca de 1/5 dos egressos da Escola Normal Superior faz a maior parte de sua carreira numa dessas funções acima citadas (Karady 1986: 356).

Faz-se necessário ressaltar também que o mercado de trabalho para os professores na França dos anos trinta é restrito. Em 1935, por exemplo, somente 723 dos 1775 que haviam obtido o grau de licenciados em ensino no ano anterior – letras e ciências misturados – obtiveram uma colocação no ensino público (Karady 1986: 353).

Christophe Charle (1994: 301) coloca a questão de se esses homens se constituem em “mandarins ou intelectuais”, classificando em quatro modalidades o engajamento dos professores franceses:

- a) a forma “clássica”: mandato oficial (em declínio);
- b) forma “intelectual”: assinatura de um texto coletivo;
- c) forma “nova”: pertencimento a um grupo;
- d) forma “excepcional”: participação no combate ao inimigo durante as guerras, seja diretamente lutando no campo de batalha, seja atuando como propagandista ou membro de uma rede de Resistência.

Charle estuda o caso concreto dos professores enviados antes da Segunda Guerra Mundial aos Estados Unidos, os quais são classificados em dois grupos: “especialistas” (“disciplinas eruditas e independentes da cultura de cada país”) e “embaixadores” (disciplinas literárias clássicas). Os últimos se dirigem de

¹³ “Em 1924, 128 docentes, dos quais 36 professores do primário, 60 do secundário e 32 do universitário, se apresentam nas eleições legislativas e 46 são eleitos; em 1928, 207 se apresentam e 53 são eleitos.” (Gerbod 1976: 57).

preferência a um público amplo e suas conferências têm uma dupla significação: “o tema aparente parece remeter a um curso de ensino superior que bem poderia ser ministrado na França para alunos debutantes, mas ele também faz alusão a uma conjuntura ideológica mais particular onde se cristaliza um momento da cultura francesa, metáfora do momento presente e podendo ter um eco na cultura local.” Eles “preferem a postura mais lisonjeira do diplomata e do agente da influência cultural, arma geopolítica” (Charle 1994: 357-8).

No caso do Brasil – que se insere em um conjunto de países que consideram a França como uma espécie de “madrinha universitária” para a fundação de instituições de ensino superior –, Georges Dumas pode representar os dois papéis sem problema. Como veremos, Georges Dumas à exceção da primeira forma, se engaja em todas as demais modalidades analisadas por Charle.

Mas os dois grupos, os “especialistas” e os “embaixadores”, têm um passado comum de freqüentes contatos com o estrangeiro por motivos científicos (estudos no estrangeiro, missões de pesquisa) ou políticos (missões de propaganda durante a guerra, conferências pela Aliança Francesa). Trata-se, então, de “semi-profissionais das relações internacionais”, em que o conhecimento de uma língua estrangeira os destaca do restante dos professores (Charle 1994: 360). No caso do Brasil, esta competência linguística não adquiriu tanta importância, ao contrário, os cursos e conferências deviam ser ministrados em francês, mesmo se fossem abertos a um público maior. Isto faz parte da estratégia geral da política cultural centrada na difusão da língua francesa.

II) O papel de Georges Dumas

O primeiro contato com o Brasil: o “Groupement”

Em 1908, Le Châtelier organiza o *Groupement*. Seus dirigentes são todos membros da SES (*Société de l'Enseignement Supérieur*). Em 1910, em função das comemorações do centenário da independência da Argentina, seu Secretário Geral, Ernest Martinenche, acompanhado por Georges Dumas, faz uma viagem inaugurando as

primeiras relações com a América Latina. O objetivo é reter e aumentar na França “a clientela intelectual brasileira que frequenta nossas universidades e grandes escolas”¹⁴.

O universitário e psicólogo Georges Dumas será o primeiro enviado do *Groupement* ao Brasil onde trará as relações iniciais com os meios intelectuais paulistas (o grupo organizado no Rio não terá praticamente nenhuma atividade) e aprofundará as que havia iniciado na França. Um período de intensa atividade se segue até a eclosão da 1ª Guerra: criação da *Union Scolaire Franco-Pauliste*¹⁵, da cadeira de Estudos Brasileiros na Sorbonne¹⁶, e da de Estudos Franceses em São Paulo¹⁷.

Depois da guerra, Jean Marx, novo Diretor do SOFE, estabelecerá relações cada vez mais estreitas com o *Groupement*. De 1920 à 1938, Georges Dumas empreende 17 missões na América Latina, onde criará várias instituições¹⁸. Na prática, realiza essas viagens na qualidade de enviado do Ministério das Relações Exteriores francês, mesmo se, por razões evidentes, ele se apresenta como enviado do *Groupement*. No seio da diplomacia, Georges Dumas já é considerado, desde os anos vinte, uma

¹⁴ AJ16, Vol. 6964, Petrópolis, carta n° 103, Baron d'Anthouard a Stephen Pichon, MAE, Petrópolis, 12/08/09.

¹⁵ Seção paulista do *Groupement*, fundada por Georges Dumas em 1909. Presidida pelo professor Bettencourt-Rodrigues, tendo como secretários Vergueiro Steidel e Ruy de Paula Souza; e como tesoureiro Victor da Silva Freire. Outros membros eram: Reynaldo Pochat, Ramos de Azevedo, José Carlos de Macedo Soares, Frederico Borba, Ovidio Pires de Campos e Alves Lima, Júlio Mesquita e Alfred Pujol.

¹⁶ Cadeira criada em 1911 pelo *Groupement* e a *Union Scolaire Franco-Pauliste*. Oliveira Lima, foi o primeiro brasileiro convidado. A série de doze conferências foi inaugurada em 15 de março de 1911 com o tema: “A formação histórica da nacionalidade brasileira – Formation Historique de la Nationalité Brésilienne”, publicadas pouco depois pela Librairie Garnier de Paris.

¹⁷ Cadeira criada em 1912, em contrapartida à criação da cadeira de Estudos Brasileiros na Sorbonne. Georges Dumas será o primeiro conferencista.

¹⁸ As principais são: o *Instituto de la Universidad* de Paris, em Buenos Aires; *Institut de Haute Culture*, no Rio, em 1923; a *Société des Lycées franco-brésiliens*- Liceu de São Paulo; o Liceu de Montevideo; cadeiras francesas em diferentes universidades sul-americanas, como as de Santiago do Chile, México, Lima, São Paulo, Rio, etc.; *Institut de Haute Culture de Montevideo*.

personalidade insubstituível para desenvolver a “influência intelectual” tanto pelo seu talento oratório quanto pelos contatos e pela autoridade que criou na região¹⁹.

No pós-guerra, a *Action Française* controla o *Groupement*, transformando sua revista em órgão difusor de idéias de extrema direita, no qual se enfatiza a questão da latinidade; Charles Maurras chega a escrever um artigo nesse sentido, e a revista manifesta uma declarada admiração por Mussolini (Petitjean 1990: 839).

A realidade do Instituto Franco-Brasileiro, fundado no Brasil em 1923, no quadro do *Groupement*, é bem diferente; as menções ao latinismo são formais, o que parece evidente num país onde esta referência nunca teve um peso maior (Id.: 840). O controle exercido por Georges Dumas evita uma hegemonia da extrema direita e, a partir de 1924, será ele próprio que escolherá os professores enviados em missão ao Brasil.

O Comitê “France-Amérique”

O *Comité France-Amérique* havia sido criado em 1909 por Gabriel Hanotaux. Órgão anexo ao Ministério das Relações Exteriores francês, o Comitê se constitui entre 1920 e 1940, antes de tudo, em um espaço de encontro social, no qual as elites sul-americanas em visita a Paris são convidadas a pronunciar seus discursos – em geral de longos elogios à França – e a encontrar as personalidades do mundo político e universitário. Às vezes, para se criar uma maior cumplicidade, são organizados “jantares íntimos”²⁰. Nas principais cidades latino-americanas, são organizados comitês com a participação das elites nacionais, que se constituem enquanto órgãos de propaganda, espécies de “Clubes Privados”, onde só circulam diplomatas, professores, propagandistas, etc.²¹.

¹⁹ SO-Br., Vol. 129 bis, Nota sem nº, Seção das Escolas, Nota para o Secretário Geral, Paris, 03/07/20.

²⁰ Por exemplo, na ocasião da passagem por Paris de Reynaldo Porchat, Reitor da USP, em razão do importante papel que ele desempenhara nas contratações de professores franceses por esta universidade. AJ16, Vol. 6964, Paris, carta datilografada, Gabriel Louis Jaray, *Comité France-Amérique* a S. Charlety, Reitor da Universidade de Paris, 29/11/35.

²¹ Por exemplo, a partida das primeiras missões de professores para a USP são precedidas de um jantar organizado pelo *Comité France-Amérique*. Em janeiro 1935, um grande jantar reúne Dumas, J. Marx, Gabriel Louis Jaray, em torno dos professores que partem (Monbeig, Lévi-Strauss, Hourcade, Maugué, Braudel) e dos que voltam (Garric, Deffontaines, Coornaert e Bornes). SO-Br., Vol. 439, carta de Gabriel Louis Jaray *Comité France-Amérique* a J. Marx, Paris, 12/01/35.

Georges Dumas ocupará desde o início postos de direção²², assim como alguns dos professores que fazem parte do Comitê enviados em missão ao Brasil, como Fortunat Strowski, Paul Hazard e Henri Hauser. Este último afirma que fará todo o possível, enquanto estiver no Brasil, para favorecer a obra do Comitê²³.

No Brasil, os comitês criados terão o mesmo objetivo e a mesma categoria de membros, mas nunca gozarão de uma maior autonomia cabendo à Embaixada francesa tomar quase sempre as iniciativas.

As viagens como militar

En 1917, Georges Dumas é enviado em missão científica ao Brasil pelo chefe dos Serviços Técnicos do Gabinete do Ministro da Guerra, Émile Borel, com o acordo do sub-secretário do Serviço da Saúde. Alistado como voluntário, ele partirá como “Médico Ajudante-Major de 1º classe”²⁴. Na realidade, a missão falsamente científica consistia em estudar os meios mais eficazes para uma ação de propaganda francesa e fazer com que o Brasil tomasse uma posição ativa na guerra a favor da França²⁵. Algumas aparências são mantidas; em outubro de 1917 na Academia Brasileira de Medicina, pronuncia um discurso sobre a obra do psicólogo Ribot²⁶. Mas sua ação se integra na dos “serviços de informação” franceses no Brasil que, nos anos 1916 e 1917, favorece as intrigas políticas que contribuem para a queda de Lauro Muller, a ruptura das relações diplomáticas entre

322

²² Dumas será, inicialmente, membro da “Seção Intelectual e artística”, criada em 1924, responsável, junto com o Duque de Broglie, pela “Seção de Ciências”. Em 1930, será o vice-presidente da “Seção Brasil”, presidida pelo Barão d’Anthouard. Em 1931, será presidente adjunto da “Comissão do ensino”. Em 1937, será “Presidente da “Seção França-Brasil”. Cf. CFA, Acta da reunião do 25/02/37 da direção do *Comité France-Amérique*, G. L. Jaray, Paris, 25/02/37; e AM 18-40-DG, Vol. 81, Documento impresso do *Comité France-Amérique*, Paris, 30/11/24.

²³ AJ16, Vol. 6964, carta de H. Hauser a S. Charley, Reitor da Universidade de Paris, Paris, 04/03/36.

²⁴ AM 18-40-DG, Vol. 214, carta n° 28828 c/7, Ministério da Guerra ao MAE, Paris, 03/07/17.

²⁵ AM 18-40-DG, Vol. 214, telegr. 493, Claudel “da parte do professor Dumas” a Borel, Rio, 28/09/17.

²⁶ AM 18-40-DG, Vol. 214, Documento dactilografado, com carimbo do Estado-Maior do Exército. “2º Bureau. Section de recherche de Renseignements et d’étude de Presse Étrangère”, Paris, sem data, mais pelo contexto outubro 1917.

o Brasil e a Alemanha e o reconhecimento do estado de guerra entre os dois países. Dois objetivos são fixados: misturar o “sangue brasileiro” ao “sangue francês nos campos de batalha de forma a cimentar nossa aliança e provocar o ódio ao Alemão” e reforçar os meios de penetração econômica e de “influência intelectual”²⁷. Uma Legião de Voluntários brasileiros será organizada. Porém, se o primeiro objetivo é parcialmente alcançado, o representante da França adverte que “jamais este país esteve realmente em hostilidades nem em relação à Alemanha nem em relação aos germanófilos”²⁸.

Em novembro 1917, quatro meses depois de sua chegada ao Brasil, Georges Dumas envia ao 2^{ème} Bureau (serviço de informações do exército) um relatório confidencial dando conta de suas atividades na “Missão de propaganda francesa” e ressaltando a ajuda que obteve dos amigos pessoais que tinha feito nas viagens anteriores. Ele insiste na gravidade do momento, apesar do caudal de simpatia com que a França ainda conta. Por um lado, o clero brasileiro (“sem muita cultura”) é antifrancês por razões evidentes: as leis de separação entre Igreja e Estado e a expulsão das congregações não são perdoadas. Por outro lado, as missões alemãs ensinam o “ódio à França” e as americanas, sem se constituírem em inimigas, são concorrentes. Georges Dumas conclui que para lutar contra essas missões e expandir a cultura francesa existem apenas dois meios, que devem ser “flexíveis” e adaptáveis: controlar e reforçar a ação das congregações francesas e criar colégios franceses laicos. Estes últimos poderiam mesmo em certas cidades do norte do Brasil, de forte sentimento católico, empregar alguns padres-professores (como a França já fazia no Oriente). No centro e no sul, colégios laicos, conferindo nesta última região uma ênfase especial ao positivismo dado o número considerável de aderentes. O único inconveniente seria relativo ao recrutamento dos professores: “nossos jovens professores não gostam de expatriar-se, mesmo quando se lhes oferecem altos salários – mas nós poderíamos em cada concurso de *agrégation* inscrever lugares para o estrangeiro, especificando que os candidatos que se apresentarem para esses postos devem passar dez anos nos Colégios do Estrangeiro.”

²⁷ AM 18-40-Br., Vol. 24, Documento dactilografado “Nota por Berthelot”, Paris, 07/09/18.

²⁸ AM 18-40-Br., Vol. 3, carta n° 6 “confidencial”, Casenave, Legação francesa ao MAE, Rio, 18/01/19.

Propõe ainda que sejam as “Sociedades Financeiras Francesas do Brasil” que custeiem os liceus, com o apoio do Estado, e conclui: “servindo nossos próprios interesses pelo desenvolvimento da instrução francesa, nós servimos também os interesses do Brasil; este país se assemelha muito ao nosso e, longe de perder sua personalidade na nossa cultura, ele nela a encontrará”²⁹. Para ele, a elite brasileira seria a favor de uma influência francesa em detrimento da alemã.

O relatório que acabamos de reproduzir nas suas passagens mais importantes, é de uma importância extrema, pois resume as grandes linhas da futura ação de Georges Dumas, a França participando por meio das “Humanidades” na formação das elites nacionais, ganha, em troca, a posição de aliada privilegiada contra os “imperialismos” estrangeiros.

A Aliança Francesa

A partir de 1926, Georges Dumas participa regularmente como membro do Conselho de Administração da Aliança Francesa, da nova equipe de Paul Labbé, secretário geral da associação entre 1920 a 1934. Conselho que contará com membros da elite intelectual, como os historiadores Frantz Funck-Brentano e Henri Hauser (que será a partir de 1932 Vice-Presidente) e Paul Hazard (será também Vice-Presidente) do Collège de France, Lucien Lévy-Brühl, do Institut de France, e membros da elite política, como o futuro Presidente da República Albert Lebrun (Bruézière 1983: 98)³⁰. A Aliança Francesa será fortemente subvencionada pelo SOFE, que orientará em parte sua ação, a qual se integra na estratégia de apoio às escolas laicas (Matthieu 1991 e Lessa 1994).

De retorno à França, após cada viagem ao Brasil, Georges Dumas apresenta um relatório sobre a situação da língua francesa nesse país. Em novembro de 1935, por exemplo, ele chama a atenção para a situação grave em que se encontra o livro francês e apresenta

²⁹ SO-Br., Vol. 129 bis, copia do Relatório de G. Dumas do 22/11/17 enviado por ofício n° 3476 B.S./2, Tenente-Coronel Bertrand, Chefe do “2° Bureau” a Margerie, MAE, Paris, 25/02/18.

³⁰ *Revue de l'Alliance Française* n° 24 de janeiro 1926.

o projeto da USP de comprar um milhão de francos em livros. Em 1937, a Vice-Presidência da Aliança lhe é oferecida. Porém, Dumas a recusa alegando falta de tempo; suas muitas ocupações impediriam-no de se ocupar de uma forma correta da associação.

A amizade com Jean Marx

Nas homenagens póstumas a Georges Dumas, Jean Marx, diretor do *Service des Oeuvres Françaises à l'Étranger* (SOFE) de 1933 a 1940, lembra que durante 25 anos “ele vinha ao meu escritório pelo menos uma vez por semana e quase todas as manhãs nós tínhamos longas conversas por telefone que eram verdadeiras reuniões.”³¹ Eles tinham se conhecido na *Maison de la Presse*. Georges Dumas, que na época lutava para conseguir as subvenções necessárias à criação dos liceus de São Paulo e Porto Alegre, encontra em J. Marx um aliado incondicional. “Georges Dumas não era um crente. Protestante *cévenol* pelas suas origens, sua formação de médico e de psicólogo o marcaram fortemente. Mas ele era patriota em primeiro lugar.”³² Uma profunda amizade acabou ligando os dois homens, e Georges Dumas dedicou a J. Marx seu último livro: ao “bom trabalho que nós temos feito juntos durante mais de vinte anos pela difusão da *pensée* francesa em diversos países do mundo” (Dumas 1948).

É importante lembrar que, apesar da mudança de 14 ministros das Relações Exteriores e de 8 diretores dos Assuntos Políticos e Comerciais, entre 1920 e 1940, o SOFE só terá três diretores; Jean Giraudoux, Fernand Pila e Jean Marx. Este último, que havia trabalhado desde o início no serviço, em 29/07/33 é nomeado chefe, o que garantirá uma mesma linha de ação (Bonnay 1983: 17). Ademais, S. Charléty, reitor da Universidade de Paris, permanecerá nesse posto de 1927 a 1937³³.

³¹ RC 45-59-Enseig. 45-47, Vol. 146, texto de um discurso não datado, J. Marx.

³² G. Dumas e Roger Bastide eram protestantes de origem *cévenol*, isto é, de famílias originárias da região de Cévennes, onde se verificaram numerosas revoltas camponesas dos *camisards* contra a repressão religiosa que se produziu depois da revogação do Edito de Nantes.

³³ Igualmente Alexis Léger (em literatura, Saint-John Perse) será secretário geral do MAE de 1933 a 1939.

Com o tempo, Georges Dumas se transformou para J. Marx numa espécie de diretor adjunto para o Brasil, a quem ele confia as missões mais delicadas e consulta antes de tomar qualquer decisão. Desde 1924, a pedido de Georges Dumas, cabe ao SOFE escolher os professores e escritores que serão enviados à América Latina³⁴. Na prática, no caso do Brasil, será Georges Dumas quem terá sempre a última palavra.

As relações no Partido Radical

No interior do grupo Radical, uma grande parte dos dirigentes é constituída por professores. Assim, encontramos Édouard Herriot, Édouard Daladier, Célestin Bouglé, Ferdinand Buisson, Aimé Berthod, Mario Roustan. A ideologia tinha sido definida em suas grandes linhas pelo filósofo Émile-Auguste Chartier, dito Alain, em *Os elementos de uma doutrina radical*. O programa do partido - aprovado em 1923 -, na parte reservada à política exterior e à defesa nacional, começa por uma vigorosa chamada patriótica: “A pátria acima das querelas internas” (Bernstein 1980: 174).

326

Em 1924, no momento da campanha eleitoral que conduzirá ao poder o “cartel de gauches”, Georges Dumas participa da obra coletiva *La Politique Républicaine*, livro que define a política do partido: leis laicas, reforma do ensino, medidas de distensão internacional e apoio incondicional à Liga das Nações. A contribuição de Georges Dumas é significativa: ele escreve o capítulo “As Obras francesas de ensino no estrangeiro” (Dumas 1924), onde aponta as grandes linhas de ação a serem desenvolvidas na área da política cultural. Ao seu lado, na redação da mesma obra, encontramos o chefe do Partido Radical, Édouard Herriot, e algumas das principais figuras do movimento, como Albert Demangeon, Charles Seignobos, Lucien Lévy-Bruhl, Aimé Berthod, G. Jèze, George Scelle, Paul Painlevé, Célestin Bouglé, Émile Borel, Édouard Daladier, Charles Rist.

³⁴ AJ16, Vol. 6960, Paris, Cf. “Nota sobre a venda do livro francês na América Latina” preparada por Laugier, diretor do SOFE na página 143 do 1º Tomo do Relatório sobre a “Missão Pasteur Vallery-Radot en América Latina” (janeiro-agosto 1945: 143).

Georges Dumas apresenta-se como o verdadeiro mentor de uma política cultural a ser integrada no quadro geral “de uma política orgânica e republicana”. A expansão intelectual provoca uma expansão comercial, principalmente dos produtos de luxo, símbolos “de inteligência e de bom gosto”. É com este objetivo que o *Groupement* foi fundado, para favorecer as indústrias francesas, criando um terreno fértil para sua penetração. Mas essa “utilidade prática” não deve, afirma Georges Dumas, esconder o principal, o verdadeiro objetivo: penetrar as elites do [...] “gosto de nossa civilização social e moral pelo qual elas permanecem, além dos mares, cidadãos de nossa cidade.” (Dumas 1924: 559-560). Nesse sentido, a América Latina aparece como um terreno ideal para se ganharem os “espíritos e os corações”, já que nesses países ainda novos os ideais da Revolução francesa reivindicados ainda não criaram, como na França, divisões rígidas entre partidos e filosofias diferentes, permitindo assim que as congregações francesas participem na “nossa expansão intelectual” (Id. 1924: 559-560).

Nesse mesmo artigo, Georges Dumas lembra que em 1908 empreendeu sua primeira viagem ao Brasil e até 1924 já havia realizado um total de seis viagens ao Brasil, três à Argentina e uma ao Chile, ora enviado em missão pelo Ministério da Guerra, ora pelo Ministério das Relações Exteriores francês, e que, somando-se a duração das diferentes estadias, “eu posso dizer que passei 19 meses na América latina, dos quais 15 no Brasil, 3 na Argentina e 1 no Chile.” (Id. 1924: 522) Em consequência, ele centra sua análise sobre a política cultural francesa nesta região que melhor conhece, a América Latina, e sobre três categorias de instituições:

a) **Os liceus franceses:** estes pertencem a uma nova categoria, já que como esses países não são nem francófonos, nem contam com colônias francesas importantes, os liceus devem, portanto, se nacionalizar e formar os alunos nas duas culturas, a humanista francesa e a do país de sua instalação. No Brasil, dois liceus franceses foram fundados; um no Rio, em 1916, e outro em São Paulo, em 1923. Este último é fruto direto da própria atividade de Georges Dumas que, em sua primeira viagem, enviado pelo *Groupement*, fundara a *Union franco-pauliste*, correspondente

brasileiro do *Groupement*³⁵. A *Union franco-pauliste* organizará em 1911 cursos sobre a civilização brasileira ministrados consecutivamente por Oliveira Lima, Rodrigo Octavio e Arrojado Lisboa na Universidade de Paris, e, mais tarde, uma cadeira de cultura francesa em São Paulo.

O liceu de São Paulo tem para Georges Dumas valor de modelo para todos os países onde a colônia francesa é pouco importante e o contexto interno é nacionalista. Ele tem um diretor brasileiro, seus professores também o são, segue os programas brasileiros e a pedagogia indicada pela Escola Normal de São Paulo. Mas, a presença de *agrégés* franceses garante os resultados dos objetivos franceses, pois eles ensinam em francês as humanidades francesas e greco-latinas, empregando métodos franceses. A cultura francesa é, assim, “assimilável”, ela foi nacionalizada, evitando chocar as “susceptibilidades nacionais perfeitamente legítimas”. Mas, para que este ensino seja atraente, é necessário que este garanta aos estudantes um diploma útil ou que possua um alto valor de prestígio, como por exemplo o BAC francês, que abre as portas às universidades francesas.

328

b) **As escolas das Congregações religiosas francesas** (no Brasil, a maioria é marista): nelas, o ensino da língua francesa é um suplemento sem valor no programa, que tem de ser nacional; não há, como nos liceus, lugar para as “humanidades francesas”. Apesar disto, elas prestam um grande serviço à cultura francesa e, portanto, devem ser apoiadas e mantidas, sobretudo porque estão em perigo devido à falta de padres franceses. Georges Dumas propõe a reabertura na França dos noviciatos destinados às congregações no estrangeiro, os quais tinham sido suprimidos no início do século.

No período, o lema de todos é: “o anticlericalismo não é um produto de exportação” (Baillou 1984: 269). E, por questões nacionalistas, mesmo os mais radicais apoiavam as obras religiosas francesas no estrangeiro. Assim, em 21 de outubro de 1928, uma carta

³⁵ Seus membros mais ativos são: Bettencourt Rodrigues, Victor de Silva Freire, Ruy de Paula Souza, Ovidio Pires de Campos e Alves Lima, Júlio Mesquita, Alfred Pujol.

aberta assinada por 40 professores que já haviam lecionado na América Latina³⁶ – entre eles Georges Dumas, promotor do movimento desde 1925 junto com Lévy-Bruhl – é dirigida ao Presidente do Conselho e publicada no jornal *La Vie Française*. O título é revelador: “Para assegurar a aproximação entre a América latina e a França, os professores de todas as opiniões da Universidade de Paris pedem que se salvem as congregações francesas da América Latina.” Trata-se da defesa da nação francesa e de sua língua; os interesses em jogo são vitais, pois essas congregações ensinam “o francês e nossa cultura a mais de cem mil alunos”³⁷.

Em outubro de 1928, Lévy-Bruhl e Georges Dumas, dois militantes da causa laica francesa se explicam publicamente: “Nós não podemos julgar a América latina com nossa ótica de franceses e nossos critérios habituais. Ela ignora as classificações rígidas de partidos, as incompatibilidades políticas e religiosas que a história criou em nosso país. Ela fez seu o ideal de justiça e liberdade da Revolução, ficando ao mesmo tempo fiel às suas crenças que são, geralmente, a base de sua educação moral.” A defesa dessas congregações é vista como fundamental na defesa da língua francesa, meio pelo qual se propaga a cultura. Ora “nosso comércio com a América Latina é em grande medida dependente da cultura que nós propagamos, desde o comércio de livros até o de quadros, jóias, móveis e roupas; nós pensamos ter servido os interesses materiais e os interesses morais de nosso país chamando a atenção do governo e a atenção pública para a grave situação que temos constatado.”³⁸ A Aliança Francesa as tem também apoiado, consciente de que ninguém poderia substituir a obra

³⁶ Assinam: Charles Richet, Pierre Janet, Paul Janet, Glotz, Fougères, Termier, Lévy-Bruhl, Gabriel Bertrand, Hadamard, Ch. Diehl, Moret, Truchy, G. Dumas, Roger, Vaquez, Léon Bernard, Brumpt, Pierre Duval, Doléris, J. Babinsky, E. Gley, L. Lapique, Sergent, Marchoux, Marcel Labbé, Capitan, J.L. Faure, Lanson, Piéron, Abraham, Laugier, P. Hazard, Blondel, Martinenche, Ronze, G. Jèze, Germain-Martin, Abel Rey, De la Pradelle, Hourticq.

³⁷ A título de exemplo, os Maristas possuíam, em 1939, no Brasil 55 instituições com 23.000 alunos. SO-Br., Vol. 440, carta n° 377, J. Henry, Embaixador francês a SOFE, Rio, 20/12/39.

³⁸ Entrevista: “Como certos universitários defendem a causa das congregações francesas que ensinam na América Latina. Nosso comércio e nossa influência nesses países são dependentes da cultura que neles nós propagamos” no jornal *Le Matin*, Paris, 28/10/28.

das congregações, nenhuma instituição laica poderia construir os 150 colégios que estas possuem, onde estudam 100.000 alunos, até mesmo porque, em certos países, as obras laicas não penetrariam tão facilmente dado o catolicismo reinante.

Georges Dumas voltaria uma vez mais a este assunto³⁹, ao declarar em entrevista de 12 de agosto de 1939 que muitos livres pensadores não compartilham de suas idéias, argumentando que “contribuindo para a decadência das congregações eles favorecem o pensamento livre. Que erro ! Eles fazem simplesmente um mal, um mal irreparável à França”, uma vez que as congregações francesas seriam substituídas por outras italianas e alemães. Na América Latina “a base de nossa propaganda depende das congregações. Para que a *pensée* francesa morda (sic), é necessário que ela encontre um público falando e lendo nossa língua⁴⁰ .”

c) **Os Institutos:** em 1924 há três na América Latina; os de Santiago e Buenos Aires criados em 1921, e o do Rio de Janeiro. Este último, lembra Georges Dumas, é fruto de uma reunião realizada em setembro de 1922, na casa do conde de Afonso Celso, da qual ele participa ao lado de Émile Borel, Pierre Janet e Ernest Martinenche. Como não coincidem os calendários escolares, os professores franceses são enviados durante as férias, o que evita pedidos de licença e gastos extras. O sucesso futuro desses institutos depende por uma lado de uma orientação mais prática, mais técnica, e por outro, de que se estabeleça um intercâmbio de professores, permitindo, assim, que os professores sul-americanos realizem conferências na França.

³⁹ Dumas não está sozinho na luta, H. Hauser, professor na Sorbonne e vice-presidente da Aliança Francesa, escreve em 1937 que se a França quer conservar o privilégio de poder enviar missões de professores – como foi o caso dos 8 professores a São Paulo e dos 10 ao Rio que ensinam em francês – é necessário não só apoiar os liceus laicos, mas, sem ser acusado de clericalismo, autorizar as congregações a recrutar na França mediante a autorização dos noviciatos para o ensino no estrangeiro. “La langue française au Brésil” in: *Revue de l’Alliance Française* n° 68, fevereiro 1937.

⁴⁰ Declarações tiradas do artigo de René Johannet em *Le Temps* do 12/08/39 citado por AM 18-40-DG, Vol. 39, carta n° 293 Charles-Roux, Embaixador francês ao MAE, Vaticano, 17/08/39.

III) A política cultural francesa para o Brasil

O interesse geopolítico pela América Latina aumenta na França a partir da guerra de 1914⁴¹. “Semanas da América Latina” foram organizadas em 1916, 1917 e em 1918, sucessivamente em Lyon, Paris e Bordeaux, pelo “Comitê Parlamentar de Ação no Estrangeiro”⁴². O slogan é “Repúblicas da América, filhas da Revolução Francesa”⁴³.

Entre os francófilos, esta propaganda francesa é bem vista e estimulada. Miguel Osório de Almeida, por exemplo, assina, em 1923, um memorando enviado a Jean Giraudoux, chefe do SOFE, afirmando que os povos da América Latina são alvo de dois tipos de propaganda estrangeira⁴⁴. O primeiro, o anglo-saxônico e o germânico, é repudiado como propaganda colonialista “metódica, obstinada” que busca primeiro a penetração econômica e só depois a influência intelectual. Nenhuma “afinidade sentimental” o aproxima dos povos sul-americanos, ele só provoca ódio e reação. O segundo, latino, e em particular o francês trata-se de uma propaganda “esporádica, impulsiva, ela é apenas espontaneamente um impulso simpático na direção dos povos de identidade comum. Inicialmente, ela só se desenvolve no ambiente espiritual e se transforma em influência comercial logo depois, ela é cobiçada ... É por isso que nós não a tememos e viemos aqui mesmo a procurar a influência da França.” O cientista brasileiro conclui aconselhando uma alteração na política cultural francesa, para evitar o “desperdício” atual. Trata-se de não tentar impor, mas de suscitar a demanda das representações intelectuais, que devem “responder às nossas necessidades intelectuais concretas e precisas” para poderem penetrar profundamente. “Só nós, latino-americanos, podemos organizar nos nossos paí-

⁴¹ em 1919, a Legação francesa no Rio se transforma em Embaixada.

⁴² Na realidade, é o “Comissariado Geral da Propaganda” que financia e controla estas manifestações. Cf. AM 18-40-DG, Vol. 195, Nota sem n°, Seção da América Latina do Comissariado Geral da Propaganda a Gauthier, Paris, 21/09/18.

⁴³ AM 18-40-DG, Vol. 195, “Crônica sul-americana. A propósito da 3° semana da América Latina”. Artigo do jornal *Le Brésil*, Paris, 27/10/18.

⁴⁴ SO-AMS, Vol. 53, *Memorandum de la Maison de l'Amérique Latine*, Miguel Osório a Jean Giraudoux - SOFE, Paris, 19/10/23.

ses a propaganda francesa”, através da criação de agrupamentos nacionais com objetivos culturais, diretamente ligados aos agrupamentos franceses.

O Brasil faz parte do grupo dos países onde a colônia francesa não é numerosa; assim sendo, uma estratégia específica de política cultural será aplicada, centrada na criação de um grupo nacional fiel, admirador, disponível para apoiar politicamente a França em caso de necessidade, que utilize como segunda língua o francês e seja consumidor de produtos culturais franceses. Este mercado consumidor, do qual só as elites farão parte, tem que ser mantido e expandido. Esta política se articula a “um método”, como é lembrado em uma nota do SOFE:

“procurar sempre, não somente o consentimento de princípio, mas ainda, quando possível, a participação positiva e mesmo a contribuição financeira dos países interessados. Assim, podemos dizer que o que se chama comumente de nossa propaganda, sob seu aspecto mais importante, se faz em associação formal e ativa com o estrangeiro. É possível perceber assim como a sua ação pode ganhar em eficácia e mesmo em legitimidade. Tais são as condições que regulam as tarefas do SOFE. Seu trabalho é obscuro, complicado e freqüentemente ingrato. Ele reclama muita paciência e constância. Seus resultados, porém, são reais e progressivos. Mas a experiência provou que não seria conveniente expor publicamente o que faz o SOFE, por causa das rivalidades ou das susceptibilidades estrangeiras⁴⁵.”

332

Devem-se evitar os erros dos outros; por exemplo, o excesso de propaganda italiana levou o governo brasileiro a intervir, determinando, entre outras coisas, que o ensino primário fosse ministrado exclusivamente em língua portuguesa⁴⁶.

Até 1940, será Georges Dumas o pivô da propaganda cultural francesa, apoiado integralmente por Jean Marx. Em julho de 1939, ele assume o posto, como já foi dito, de chefe da seção da América Latina no “Comissariado Geral da Informação”. Ao mesmo tempo, o embaixador J. Henry considera que no Brasil “nós não temos

⁴⁵ AM 18-40-DG, Vol. 218, Cópia de um documento datilografado: “O SOFE durante o ano 1930”, F. P., janeiro 1931.

⁴⁶ ADRIEN Dariac, [1]: 22-23.

praticamente nenhuma questão política a tratar; minha missão de representante da França, fora a defesa e o desenvolvimento dos nossos interesses comerciais, deve ser, antes de qualquer outra, uma missão de propaganda cultural atingindo todos os domínios onde, graças a Deus, nós asseguramos ainda a superioridade de nosso gênio⁴⁷.” A esse propósito, ele escreve a Georges Dumas propondo-se ser o único a tomar iniciativas relativas à propaganda francesa no Brasil, e pedindo-lhe que se ocupe em reforçar o serviço de informações, no que concorda, já que no caso do Brasil “toda outra forma de proceder ocasionaria conflitos, repetições inúteis, confusões etc.”⁴⁸. Georges Dumas se ocuparia das questões da propaganda latino-americana de ordem mais geral, como as questões do livro francês, do rádio e das conferências radiofônicas, do ensino francês nos estabelecimentos religiosos e de combater a propaganda alemã, etc. J. Marx se mostra inteiramente de acordo com esta nova divisão do trabalho de propaganda⁴⁹.

Tanto os professores em missão em São Paulo quanto seus colegas no Rio estavam completamente disponíveis para auxiliar, com suas competências e boa reputação, as ações de propaganda francesa na imprensa e no rádio brasileiros.

Por que os professores participam desta política de propaganda? As causas mais profundas se encontram no nacionalismo que permeia todos eles; antes de tudo, estão lá para lutar pelos interesses franceses, que são “universais”, eliminando assim todas as possíveis divergências ideológicas. É evidente que as motivações relacionadas à carreira profissional também têm um papel importante, a estadia no estrangeiro constituía uma das vias para fazer carreira no ensino ou nosabinetes ministeriais (Guiral & Thuillier 1982: 264-267). Claude Lévi-Strauss afirma: “Cada um de nós tinha o sentimento de jogar sua carreira no sucesso ou no fracasso no Brasil.” (Eribon 1990: 37). Podemos citar, por exemplo, o caso de Pierre Deffontaines, que conseguirá sua nomeação para Bordeaux por indicação de Jean Marx e Georges

⁴⁷ SO-Br., Vol. 440, carta n° 377, J. Henry, Embaixador francês, ao SOFE, Rio, 20/12/39.

⁴⁸ SO-Br., Vol. 440, carta manuscrita, G. Dumas a J. Marx, Lédignan, 09/01/40.

⁴⁹ SO-Br., Vol. 440, J. Marx Paris 12/01/40.

Dumas⁵⁰. E quantos dentre eles, chegados ao Brasil como simples professores de liceu⁵¹, doutorandos⁵², ao voltarem para a França não foram nomeados para postos em universidades⁵³ ou na administração pública⁵⁴?

Tampouco há que esquecer as razões pessoais que tem determinado essas escolhas, como o admite Claude Lévi-Strauss: “Meus colegas da missão universitária francesa e eu éramos, quase todos, pequenos professores em liceus de província cujo desejo de evasão, cujo gosto pela pesquisa haviam chamado a atenção de Georges Dumas. Após termos vivido em alojamentos muito modestos, nos instalávamos em vastas casas particulares com jardim nas quais nossas esposas seriam servidas por domésticas (a primeira em nossa casa foi uma mulata muito bonita que tivemos de despedir porque em nossa ausência tomava os vestidos de minha mulher par ir dançar nos clubes carnavalescos; depois, duas encantadoras irmãs portuguesas que não tinham, somadas suas idades, quarenta anos, e que foi preciso contratar juntas, pois não queriam se separar).

Embora em São Paulo a altitude livrasse o clima do abafado calor tropical, podiam-se vestir roupas mais leves que na França. Não estávamos habituados ao luxo. Um deles era o alfaiate vir tomar nossas medidas e fazer as provas em domicílio. O baixo preço dos produtos alimentares e dos serviços nos daria a impressão de termos escalado vários degraus na escala social. Profissionalmente também, uma vez que éramos promovidos do ensino secundário ao ensino superior, tendo por alunos homens e mulheres jovens geralmente de nossa idade e que às vezes a ultrapassavam.” (Lévi-Strauss 1996: 8).

334

⁵⁰ SO-Br., Vol. 440, carta manuscrita P. Deffontaines a Marx, Lille, 22/03/39.

⁵¹ Por exemplo, entre os professores presentes na USP entre 1935-38: Fernand Braudel (Lycée Henri II), Pierre Monbeig (Lycée de Caen); Jean Maugüé (Lycée de Montluçon - Allier); Paul Arbousse-Bastide (Lycée de Besançon); Michel Berveiller (Lycée de Dijon) e Roger Bastide (Lycée de Versailles).

⁵² Por exemplo: Roger Bastide.

⁵³ Por exemplo: Pierre Monbeig que, de 1957 à 1977 dirigera o Institut de Hautes Études de l'Amérique Latine (IHEAL).

⁵⁴ Por exemplo: Jean Maugüé foi sucessivamente Sub-Diretor do Departamento de América no Ministério de Relações Exteriores, conselheiro na Embaixada de França na Argentina, Consul Geral da França em Salonique e Consul Geral da França em Toronto (MAUGÜÉ, 1972, pp. 176-194).

Jean Maugué relata igualmente que os salários que os professores recebiam eram muito importantes: “Assim nos pudemos comprar carros americanos, e Braudel, que não gostava de dirigir, se deu o luxo de ter um chofer particular italiano” (Maugué 1972: 93).

Os professores são escolhidos em geral pelo próprio Georges Dumas. Ele ficará profundamente ligado à *École Normale Supérieure*, da qual havia sido aluno, sendo nesse circuito que conhecerá e selecionará uma parte importante dos professores enviados ao Brasil⁵⁵. O fato de serem protestantes, católicos, socialistas, etc., não possui maior importância; eles serão enviados em tal ou qual ocasião, para tal ou qual lugar, segundo a demanda do mercado. Entretanto, todos têm de lutar pelos interesses franceses. Assim sendo, a primeira condição que se impõe é o patriotismo, que não deve ser confundido com o chauvinismo exagerado, pois compete-lhes simbolizar “a confiança dos outros na cultura francesa”, cujo principal apanágio é sua universalidade.

A bibliografia existente sobre este tema insiste, erroneamente, em dividir os professores conforme sua religião: assim, são classificados em católicos e protestantes. Este é, no entanto, um critério secundário em relação ao político. Na verdade, existem três redes organizadas para a ação no estrangeiro, representando as principais tendências políticas francesas. Uma gira em torno do partido socialista (Paul Rivet, Claude Lévi-Strauss, Lucien Febvre, Roger Bastide, Jean Maugué, etc.); uma outra, católica (Robert Garric, Pierre Deffontaines, Jacques Lambert, Étienne Borne, Emile Coornaert, Paul Hugon, etc.); e, finalmente, a radical (Georges Dumas, Paul Arbousse-Bastide, etc.).

Contudo, todos se submetem à política estrangeira, na qual as três principais ideologias francesas – cristã, revolucionária, humanista –, ainda que em constantes e, por vezes, violentos embates entre si na França, devem, no estrangeiro, somar-se, complementar-se, conjugar-se, compondo-se umas com as outras (Baillou 1984: 268). Da mesma maneira os dois campos formados, por um lado, pela *École Normale Supérieure* e pela *Sorbonne*, e, por outro, pela *Académie Française* e pela *Faculté de Droit*, opostos na França, aqui se encontram juntos. A propaganda cultural da

⁵⁵ Por exemplo: Étienne Borne, Robert Garric, Jean Maugué, Paul Rivet, Roger Gouze, Antoine Bon, Jean Gagé, Pierre Hourcade, Pierre Deffontaines e Michel Berveiller.

nação permite que a separação direita-esquerda desapareça. Nesse sentido, Antonio Gramsci resume muito bem o papel dos intelectuais franceses: “exprimem e representam explicitamente um bloco nacional compacto do qual eles são os ‘embaixadores’ culturais” (Macciocchi 1974: 257).

Os professores franceses, longe de formarem um simples grupo de intelectuais, estão sempre no centro das ações de propaganda francesas. Foi assim, também, nas disputas políticas francesas, quando no período vichysta, os professores franceses em missão no Brasil foram o pivô da disputa com os gaulistas. Não poderia ser de outra forma, porque eles constituem o fulcro da política cultural francesa, feita à base das alianças políticas, das simpatias pessoais, que Georges Dumas cultivou ao longo desses anos todos (Suppo 1995 e 2000).

À luz de todas estas informações, longe de julgar os professores franceses, propomos uma reconsideração de suas “contribuições” na “descoberta” da identidade do Brasil e do messianismo francês, imagem tão divulgada desses “missionários” culturais. Faz-se necessário empreender uma reconsideração de suas produções intelectuais, uma vez que esse contexto de “propaganda” se impõe nas análises de seus textos. Seria ingênuo de nossa parte considerarmos a militância nacionalista como uma das motivações de peso nos seus trabalhos?

Carlos Guilherme Mota considera que falta ainda estudar o peso dessa influência francesa, procurada pela oligarquia em crise, na formação ideológica das elites intelectuais criadas em volta da USP (Mota 1977: 33). Segundo este autor a definição da noção de Cultura Brasileira baseada na idéia de “consciência nacional” evolui após a guerra em “consciência do sub-desenvolvimento”. Nesses dois momentos, a França está presente. Inicialmente ela pretende jogar o papel de padrinha da “Brasilidade”, sendo a cultura francesa considerada um instrumento para o “descobrimento” do Brasil, para a procura da “Brasilidade”. No segundo momento, ela gera as análises sobre o sub-desenvolvimento e a tomada de consciência do “atraso” brasileiro. A cultura francesa é apresentada então como a matriz que permite explicar as problemáticas do Brasil.

Patrick Petitjean assinala que a caracterização do papel das missões universitárias francesas divide os antigos alunos. A maior parte deles, considera que serviram para

desenvolver o espírito crítico e de pesquisa (Gilda de Mello e Souza, Antonio Candido de Mello e Souza, Ruy Coelho). Florestan Fernandes, o único que denuncia seu papel alienante, reforçando o colonialismo cultural, admite que essa “programação cultural colonizadora” acabou por abrir novas perspectivas para as gerações futuras.

Petitjean (1996: 320) conclui:

“Nesse debate entre os sucessores brasileiros dos professores estrangeiros, é necessário separar aquilo que é contingente à época (a postura colonial das elites), daquilo que está ligado às representações dominantes da época (particularmente em matéria de universalismo e de neutralidade da ciência, e também da filosofia) e daquilo que causa problema ainda hoje, a saber principalmente o que advém da ciência e da filosofia quando elas mudam de ‘nichos culturais’ com mais razão no quadro de uma troca desigual. O que se passou no momento da criação da USP é de fato irreduzível a uma explicação simplificadora, quer seja aquela do colonialismo cultural, ou aquela da neutralidade dos ensinamentos dispensados (os mais recentes conhecimentos ‘internacionais’ mais o espírito de pesquisa e o espírito crítico). E é sem dúvida por isso que, 45 anos mais tarde, os primeiros estudantes da USP ainda discutem o assunto.”⁵⁶

337

Em trabalhos anteriores (1995 e 2000) mostramos que a maioria absoluta dos professores franceses enviados ao Brasil eram conscientes de seu papel como propagandistas da cultura francesa reforçando assim o colonialismo cultural. Dessa forma as observações de Florestan Fernandes são confirmadas. E, mais ainda, o professor Roger Bastide que, segundo seu ex-aluno, era uma exceção, foi um dos elementos chaves. Logo após sua chegada ao Brasil, em 1938, ele escreve a Jean Marx para lhe agradecer a “magnífica tarefa” que lhe foi proposta de continuar o trabalho de penetração “em profundidade” no Brasil: “Eu já escrevi alguns artigos para fazer conhecer e apreciar dos brasileiros os escritores e sociólogos franceses”⁵⁷. Alguns

⁵⁶ Petitjean (Patrick) [118]: 314-320.

⁵⁷ cf. CADN, SO 1932-40, DG Brasil, vol. n° 440, Carta datilografada assinada, Roger Bastide a “Monsieur le Ministre”, São Paulo, 11 junho de 1938; e CADN, SO 1932-40, Brasil-USP, vol. n° 443, Carta datilografada assinada, Arbousse-Bastide, Roger Bastide, Bonzon, Maugué a J. Marx, São Paulo, 24 junho de 1938.

meses depois escreve ainda: “Nos parece necessário a meus camaradas e a mim de aproveitar nossa estadia em São Paulo para trabalhar, em paralelo a nossos cursos, na propaganda francesa no estrangeiro.”⁵⁸

IV) Conclusões

A análise da ação do professor Georges Dumas revela o funcionamento da chamada “República dos Professores” e de suas ligações com o Partido Radical. Trata-se de uma política que tem como prioridade a conquista das “almas”, das consciências, por meio da qual evitam-se evocar os interesses econômicos, apesar das evidentes implicações. Georges Dumas tinha compreendido, desde suas primeiras viagens ao Brasil, que as gerações que haviam sido permeadas pela cultura francesa nos liceus, faculdades ou livros franceses eram solidárias à França em qualquer situação. Em conseqüência, o ensino deveria ser a prioridade de sua ação, as questões políticas dela dependiam: “esta questão é aqui para nós de um interesse capital”⁵⁹.

338

Homem de todos os circuitos, Georges Dumas determina a política cultural francesa em relação à América Latina e, em particular, ao Brasil, sempre por meio de organismos oficialmente não governamentais: *Comité France-Amérique*, Aliança Francesa, *Groupement*⁶⁰. As ações que organiza ou provoca são, assim, “protegidas” pelas associações intelectuais às quais ele pertence, o que favorece sua consecução, vista então como uma marca de interesse intelectual ou científico dos universitários franceses pelo Brasil, ou, pelo menos, como uma marca de prestígio. Sem negar uma sincera afeição pelo Brasil, “um bom país que eu amo muito”⁶¹, seu objetivo principal é conseguir para a França a posição de parceira privilegiada na formação de suas

⁵⁸ CADN, SO 1932-40, DG Brésil, vol. n° 585, Carta datilografada assinada, Roger Bastide à “Monsieur le Ministre”, Cahors, 20 janeiro de 1939.

⁵⁹ AM 18-40-Br., Vol. 30, carta dactilografada assinada, G. Dumas a Borel, Rio, 30/10/17.

⁶⁰ É importante lembrar que outros intelectuais fazem parte também desse verdadeiro lobby, como por exemplo Paul Hazard, H. Hauser.

⁶¹ SO-Br., Vol. 129 bis, carta manuscrita, G. Dumas, 25/08/20.

elites. Estas encontrando sua própria identidade na cultura francesa, permaneciam para sempre marcadas e, se tornam conseqüentemente, clientes de seus produtos culturais. A ação de Georges Dumas é contínua, profunda e de longo prazo. Ele demonstrava, segundo Arbousse-Bastide, uma “inesgotável paciência para compreender e fazer simpatizantes. Nesse terreno e com esse método, a influência pode ser ilimitada⁶².”

Claude Lévi-Strauss critica Georges Dumas e o Ministério das Relações Exteriores francês por terem se aliado a uma burguesia paulista refinada, mas decadente, que buscava nesta aliança uma “caução” para o parlamentarismo e um “passa-tempo”. Segundo Lévi-Strauss, não souberam perceber e compreender que os verdadeiros aliados da França estavam ao lado dos alunos, nova elite emergente, que iria se opor aos Mesquita e aos seus aliados (Lévi-Strauss 1996: 12-14 e 113). Esta idéia de um “erro” quanto à categoria de aliado escolhida para explicar a decadência posterior da influência francesa aparece também na bibliografia⁶³.

Desloquemos o eixo da discussão, já que a política cultural francesa, ainda que sendo baseada no prestígio de produtos culturais universais, exige o conhecimento de um decodificador, a língua francesa, destinando-se, portanto, a priori, exclusivamente às elites. Não se trata de uma escolha por uma política determinada, trata-se da única política possível. A cultura francesa de “exportação” não aceita o consumo das massas nem da opinião pública. O produto cultural francês não pode ser adaptado às demandas do mercado; assim, faz-se necessário estar permanentemente criando potenciais “clientes” francófilos, o que explica a insistência em que os cursos fossem ministrados em francês (os embaixadores chegam mesmo a reco-

⁶² Cf. SO-Br., Vol. 443, “Observações gerais sobre a Faculdade de filosofia, ciências e letras de São Paulo” de autoria provável de Arbousse-Bastide, sem data, mas pelo contexto é provável que seja de fins de 1935.

⁶³ Para Colette Barbier de Bonnay, por exemplo, o SOFE privilegiou exclusivamente a formação das elites urbanas em detrimento das massas populares. O SOFE não teria compreendido que o século vinte é o século das massas e da opinião pública (Bonnay 1983: 200). Gilles Matthieu (1990: 212) também destaca a tese do erro, da incapacidade da França em perceber as transformações que se verificaram na sociedade brasileira, na qual novos homens e novas classes chegavam ao poder.

mendar o uso do francês nas conferências realizadas no Brasil, afim de mantê-lo como “a língua irmã sem a qual nenhuma instrução é completa”, a resistência a se autorizarem as traduções de livros franceses, e o apoio dado às congregações religiosas francesas no Brasil, mesmo por uma República orgulhosa de sua laicidade⁶⁴.

Não se trata de que Georges Dumas não tenha percebido a eclosão dessas novas elites dirigentes brasileiras. Apostou mesmo nelas. Nesse momento, Dumas, o militante radical, escolhe e aposta completamente na França da revolução, na França liberal; mas o Georges Dumas político, o Georges Dumas representante do Ministério das Relações Exteriores francês, negocia, tentando salvar o mais importante: a presença francesa.

A bibliografia existente frisa a militância positivista de Georges Dumas como um elemento determinante para sua penetração no Brasil. Isto é evidente no período inicial da sua ação. Mas, como bem lembra Patrick Petitjean (1990: 839), o *Groupement* evolui a partir dos anos vinte, e a referência ao latinismo será totalmente recuperada pelos setores da *Action Française*, que dominam a revista do *Groupement*, seu principal meio de comunicação e de influência. Nestes anos, Georges Dumas abandona toda referência ao latinismo e adere à ideologia do partido radical, o que lhe permitirá consolidar as futuras alianças com os Mesquita e com os liberais cariocas. O resultado é o envio de professores franceses para a USP e a Universidade do Distrito Federal. Será em nome de valores como França laica, herdeira da Revolução, berço do liberalismo, que ele defenderá - em face da ofensiva dos setores católicos cariocas dirigidos por Alceu Amoroso Lima - os professores franceses, e que se baterá por uma certa idéia de Universidade (Suppo 2000: 206-234), como o fará também em São Paulo após a queda dos Mesquita, que se verifica depois da proclamação do Estado Novo (Id. 2000:179-185).

São considerações políticas que levam Georges Dumas a tentar manter boas relações com os positivistas brasileiros, pois ele reconhece que “o positivismo é

⁶⁴ B-RJ, Vol. 9, carta n° 96, A. Kammerer, Embaixador francês ao SOFE, Rio, 15/04/33.

um partido no Brasil”⁶⁵. Por causa disso, por exemplo, manifesta suas reservas ao envio do professor Henri Gouhier que havia escrito contra o positivismo. “Atualmente o positivismo é bem mais um partido político do que uma religião”, escreve Dumas, querendo evitar o que acontecera com ele próprio trinta anos antes, quando o General Gomez de Castro reagira contra seu livro no *Jornal do Comércio* “porque eu havia escrito que Comte devia muito a Saint-Simon.” Mesmo que “talvez as paixões político-positivistas encontrem-se hoje mais serenadas”, faz-se necessário mesmo assim prevenir o professor Henri Gouhier⁶⁶.

Por outro lado, o fato de ter enviado professores positivistas não transforma Georges Dumas em positivista, como tampouco em católico o fato de ter enviado professores católicos etc. Georges Dumas é um homem político, escolhe seus agentes culturais em função da disponibilidade de professores franceses dispostos a virem ao Brasil e da demanda das instâncias universitárias e políticas brasileiras!

A análise da ação de Georges Dumas deve ser articulada às modificações profundas que haviam marcado a sociedade francesa após a derrota de 1870: proclamação da Terceira República, expansão colonial francesa, valorização da ciência como indispensável para o desenvolvimento industrial de uma nação eminentemente agrícola, luta por novos mercados consumidores fora dos limites europeus, necessidade de reconstituir o prestígio e a influência francesa depois do isolacionismo diplomático imposto por Bismarck. Deve-se também levar em conta a importância do novo papel social do intelectual, não somente a partir do caso Dreyfus mas antes com a política escolar lançada por Jules Ferry, desde os anos 1880, política esta inseparável da colonização francesa durante este período. Segundo a ideologia oficial da época a França não coloniza, ela civiliza. O proselitismo religioso, que sustenta e favorece a colonização, acompanha o messianismo civilizador laico.

⁶⁵ SO-Br., Vol. 444, carta manuscrita, G. Dumas a J. Marx, Lédignan, 20/04/39.

⁶⁶ SO-Br., Vol. 444, carta manuscrita, G. Dumas a J. Marx, 27/04/39.

Édouard Herriot define em 1933, as duas regras essenciais da política externa da França, que Georges Dumas se esforçará de aplicar:

“1. Esta política não deve levar em conta o regime interior dos Estados aos quais ela se dirige. Nós seríamos logo condenados à impotência se, na nossa ação exterior, apenas tratássemos com os povos tendo os mesmos regimes de nossas preferências ou escolhas. Esta é uma de nossas tradições, Francisco I se aliando aos Turcos ou Richelieu aos protestantes.

2. Esta política deve basear-se no respeito aos contratos. Fora da noção de contrato, só existe a noção de força.” (Herriot 1933: 9)

Referências Bibliográficas

342

DARIAC, Adrien (deputado). Relatório n° 1535 da Comissão de Finanças encarregada de examinar o orçamento geral 1933, anexo à sessão do 09/03/33, tomo I. Paris, Imprimerie de la Chambre des Députés, 1933.

ALLAIN, Jean-Claude e AUFFRET Marc. “Le ministère français des Affaires Étrangères. Crédits et effectifs pendant la III^e République”. *Relations Internationales*, vol. n° 32, 1982, Paris.

AMAURY, Philippe. De l’information et de la propagande d’État. Les deux premières expériences d’un “ministère de l’Information en France”. L’apparition d’institutions politiques et administratives d’information et de propagande sous la III^e République en temps de crise (juillet 1939-juin 1940). Leur renouvellement par le régime de Vichy (juillet 1940-août 1944). Paris, Bibliothèque de Droit Public, L.G.D.J., 1969.

BAILLOU, Jean (direção de). “Les affaires étrangères et le corps diplomatique français”. *Histoire de l’administration française*, Tome II 1870-1980. Paris, Éd. du CNRS, 1984.

BERSTEIN, Serge. Histoire du parti radical. vol. 1. La recherche de l’âge d’or, 1919-1926. Paris, Fondation nationale des sciences politiques, 1980.

- BONNAY, Colette Barbier de. *Le Service des Oeuvres Françaises à l'Étranger entre les deux guerres mondiales*. Mestrado, dactil. Paris, universidade de Paris-I, 1983.
- BRUÉZIÈRE, Maurice. *L'Alliance française. Histoire de uma institution*. Paris, Hachette, 1983.
- CHARLE, Christophe. *Les professeurs de la Faculté des Lettres de Paris. Dictionnaire biographique 1909-1939*, vol. n° 2°. Paris, Éd. du CNRS, 1986.
- _____. *La République des universitaires*. Paris, Éd. du Seuil, 1994.
- DUMAS, Georges. "Les Œuvres françaises d'enseignement à l'étranger". In: *La Politique Républicaine*. Paris, Librairie Félix Alcan, 1924.
- _____. *La Vie affective. Physiologie. Psychologie. Socialisation*. Paris, PUF, 1948.
- GUIRAL Pierre et THUILLIER Guy, *La Vie quotidienne des professeurs de 1870 à 1940*, Paris, Hachette, 1982.
- HERRIOT, Édouard. *Les Français dans le monde*. Paris, Hachette, 1933.
- KARADY, Victor. "Les Universités de la IIIème République". In: VERGER Jacques, *L'histoire des Universités en France*. Toulouse, Privat, 1986.
- LESSA, Mônica Leite. "A Aliança Francesa no Brasil: política oficial de influência cultural". In: *Varia História* n° 13, UFMG, junho 1994, 18 p.
- _____. *L'influence intellectuelle française au Brésil : contribution à l'étude d'une politique culturelle (1886-1930)*, thèse de doctorat de 3^e cycle, Paris X, 1997, 2 vol.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *Tristes tropiques*. Paris, Plon, 1984.
- _____. *Saudades de São Paulo*. São Paulo, Companhia das Letras, 1996.
- LÉVI-STRAUSS Claude et ERIBON D., *De près et de loin. Suivi d'un entretien inédit "Deux ans après"*, Paris, O. Jacob, Collection Points, 1990.
- MACCIOCCHI, Maria-Antonietta. *Pour Gramsci*. Paris, Éditions du Seuil, coll. "Points", 1974.

- MARÈS, Antoine. “Puissance et présence culturelle de la France. L’exemple du Service des Oeuvres Françaises à l’Etranger dans les années 30”. *Relations Internationales*, vol. n° 33, Paris, 1983.
- MARTINIÈRE, Guy. Aspects de la coopération franco-brésilienne. Transplantation culturelle et stratégie de la modernité. Grenoble-Paris, Presses universitaires de Grenoble-Ed. de la Maison des sciences de l’homme, 1982.
- MATTHIEU, Gilles. “Un enjeu diplomatique: la politique culturelle de la France en Amérique du Sud dans l’Entre deux guerres”. *Cahiers des Amériques latines* n° 9, Paris, IHEAL, 1990.
- _____. Une ambition sud-américaine. Politique culturelle de la France (1914-1940). Paris, L’Harmattan, 1991.
- MAUGÛÉ Jean, Les dents agacées, Paris, Éd. Buchet/Chastel, 1982.
- MILZA, Pierre. “Culture et relations internationales”. *Relations Internationales*, vol. n° 24, Paris, 1980.
- MOTA Carlos Guilherme. Ideologia da cultura brasileira (1933-1974) (pontos de partida para uma revisão histórica), São Paulo, Ed. Ática, coll. “Ensaio 30”, 1977.
- PETITJEAN, Patrick e PATY, Michel. “Sur l’influence scientifique française au Brésil aux XIX^e et XX^e siècles”. *Cahiers des Amériques Latines*, n° 4, Paris, IHEAL, 1985.
- PETITJEAN, Patrick. “Le Groupement des Universités et Grandes Écoles de France pour les relations avec l’Amérique Latine, et la création d’Instituts à Rio, São Paulo et Buenos Aires (1907/1940)”. In: *Anais do Segundo Congresso Latino-Americano de História da Ciência e da Tecnologia*, 30 de junho a 4 de julho 1988, São Paulo, Nova Stella, 1989.
- _____. “Autour de la mission française pour la création de l’Université de São Paulo (1934)”, *Communication*, Colloque international “Sciences et Empires”, Paris, Unesco, avril 1990.

_____. “Dimension culturelle, influences idéologiques et images scientifiques dans l’histoire des relations scientifiques franco-brésiliennes, 1850-1940” in : *Images réciproques du Brésil et de la France*, t. II, coll. “Travaux et Mémoires” N° 46, Paris, IHEAL, 1991.

_____. “As missões universitárias francesas na criação da Universidade de São Paulo (1934-1940)” in : *A ciência nas relações Brasil-França (1850-1950)*, Hamburguer Amélia Império, Dantes Maria Amélia M., Paty Michel et Petitjean Patrick (org.), São Paulo, Edusp, 1996.

SUPPO, Hugo. “Intelectuais e artistas nas estratégias francesas de “propaganda cultural” no Brasil (1940-1944)”. *Revista de História* n° 133, Departamento de História da Universidade de São Paulo, 2° semestre de 1995, 14 p.

_____. *La politique culturelle française au Brésil entre les années 1920-1950*. Villeneuve d’Ascq, França, Presses Universitaires du Septentrion, 2000.